

SOBREVIDA A LONGO PRAZO APÓS UM ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: UM ESTUDO DE COORTE DE BASE POPULACIONAL EM UMA AUTOGESTÃO (2012-2021)

João Paulo dos Reis Neto; Busch J M

CAPESESP-Caixa de Previdência e Assistência dos Servidores da Fundação Nacional de Saúde, Brasil

OBJETIVOS: Ano após ano o Acidente Vascular Cerebral (AVC) continua sendo uma doença com elevadas taxas de mortalidade, além de ser a principal responsável por incapacidade na população brasileira. Qualquer AVC pode gerar consequências catastróficas e imensuráveis para um indivíduo e sua família, entretanto o impacto da doença não acaba por aí. A sociedade paga um alto preço, determinado por elevados custos do sistema de saúde e auxílios previdenciários para os acometidos. Na saúde suplementar faltam dados epidemiológicos sobre as taxas de sobrevida, em longo prazo, dos pacientes após o primeiro AVC. Tal conhecimento é essencial para a avaliação das cargas de doença atual e futura dessa condição. Este estudo apresenta os resultados do seguimento temporal, de até 10 anos, de pacientes após internação por acidentes vascular cerebral isquêmico e hemorrágico.

MÉTODOS: Utilizando o banco de dados administrativos do plano de saúde, selecionamos todos os beneficiários que internaram com diagnóstico principal de AVC, no período de 2012 a 2021. Considerando-se como evento de interesse o óbito por todas as causas, aplicamos as curvas de Kaplan-Meier para estimar as taxas de sobrevida cumulativa. Modelos de regressão de risco proporcional de Cox foram utilizados para avaliar a associação independente entre preditores de mortalidade (sexo, idade) e de comorbidades que representam fatores de risco (hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus). Para cada indivíduo, calculamos os Anos Potenciais de Vida Perdidos (APVP) devido à morte por todas as causas e específicos devido ao AVC e suas complicações. Qlik Sense® v13 e Microsoft® Excel 2018 foram usados na extração e análise de dados. Testes Qui-quadrado (Mantel-Haenszel e Exato de Fisher) foram efetuados para significância estatística ($p < 0,05$). Intervalo de confiança de 95%.

RESULTADOS: No total, 1.910 pacientes acometidos por todos os tipos de AVC foram incluídos no estudo. A média etária foi de 75,3 anos, 51,4% eram mulheres. Do total, 767 morreram durante o período de acompanhamento. As taxas cumulativas de sobrevida em 90 dias, 1 ano, 5 anos e 10 anos de pacientes com AVC na coorte estudada foram de 81,1%, 66,7%, 32,3% e 9,8%, respectivamente. O fator determinante mais importante para a sobrevida em longo prazo foi a idade no momento do acidente vascular cerebral, sendo menor para aqueles acometidos com idade superior a 80 anos (taxa de sobrevida de 10 anos de apenas 6,8%). O modelo preditivo multivariado revelou que a presença de diabetes ($p < 0,001$) e hipertensão arterial ($p < 0,001$) foram fatores significativamente desfavoráveis. A estimativa em dias de APVP foi de 9.675 daqueles que morreram após AVC (359 mulheres, 4.427 dias; 408 homens, 5.248 dias).

CONCLUSÕES: Apesar das grandes melhorias observadas nos últimos anos na prevenção e na abordagem inicial na fase aguda (trombólise venosa, trombectomia mecânica e estabilização clínica inicial em unidades especializadas), o AVC continua sendo uma doença devastadora. Como esperado, nesse estudo a idade influenciou no elevado risco de baixa sobrevida. Diabetes e hipertensão foram também preditores independentes significativos a longo prazo. Os APVP observados reforçam a necessidade de medidas mais efetivas de prevenção e iniciativas abrangentes de atenção ao AVC e nos cuidados após o evento. Além de todo impacto pessoal e social, a doença conhecidamente resulta em elevadas despesas assistenciais, diretamente relacionadas ao grau de sequelas adquiridas, sendo uma ameaça adicional à sustentabilidade do setor de saúde suplementar.

Rio de Janeiro, 05 de outubro de 2022.

